

São demais os pais moleirões, diz-nos francamente a autora deste artigo. Crianças se sentem melhor e mais felizes quando sabem quem dá as ordens

Diga Não a Seus Filhos

Condensado de FAMILY CIRCLE

SE OS SEUS filhos são maravilhosamente bem ajustados, completamente responsáveis, continuamente obedientes, solícitos, respeitosos, amáveis, atenciosos, e se nunca lhe deram um momento de preocupação—êste artigo não é para você. Se, por outro lado, há momentos em que seus filhos o aborrecem, o preocupam e o fazem perguntar a si mesmo o que porventura estará você fazendo de errado, aqui vão algumas sugestões.

É um fato dolorosamente vexatório que estamos vivendo numa sociedade dominada pelos filhos. Os filhos dirigem as atividades familiares num grau alarmante. Comunidades inteiras se ajustam às “necessidades” deles. Os elementos mais

ANN LANDERS

jovens, na maior parte das vezes, resolvem onde a família vai morar, onde passará as férias, que tipo de carro papai comprará e que marca de cereal, de sabonete e de pasta dental mamãe colocará no seu carrinho de compras. A orientação juvenil passou a significar uma coisa diferente: é a orientação dos pais pelos filhos.

Qual o motivo desta escala hierárquica antinatural?

O Dr. Edward M. Litin, diretor do Departamento de Psiquiatria da Clínica Mayo, diz que muitos pais têm medo de dizer não aos filhos, medo de dar ordens e de punir, porque temem perder o seu afeto. Além disso, frisa o Dr. Litin, quanto mais periclitante é a vida conjugal, mais

acentuada é a renúncia da responsabilidade paterna. A mulher que sente que o marido não a ama procura fazer com que seus filhos a queiram em dôbro mostrando-se excessivamente tolerante e extravagantemente generosa. O marido que se sente repudiado faz o mesmo jôgo. E quando tentamos comprar amor, o seu preço sobe, como sobe o de todos os outros artigos. As crianças percebem imediatamente que a chantagem emocional pode ser um negócio rendoso.

A meu ver, a teoria da educação liberal dos filhos é o conceito mais nocivo já adotado por uma geração de pais desnorteados. O resultado é um número alarmante de capetas, perturbadores e mimados. Retirem seus óculos côm-de-rosa, pessoal! Êles não têm grau para corrigir a miopia dos pais. O que as crianças precisam, em sua grande maioria, é deixar de ser mimadas, de ver seus caprichos satisfeitos, de ter motorista, de receber tantos presentes, de ser servidas e de achar que o mundo lhes pertence.

A palavra-chave na educação dos filhos é disciplina—e a disciplina deve começar quando a criança ainda está no berço. Uma criança de peito já sabe se pode ou não mandar nos pais, e, se puder, ela mandará. Portanto, não tenha medo de ser o patrão. As crianças precisam saber que na família há alguém mais forte e mais sábio do que elas. Quando a situação o exigir, levante-se e diga: “Não, você não pode ir”;

“Não, você não pode comprar isso”. Seu filho poderá protestar amargamente e acusar você de o estar humilhando, de o fazer parecer bebê aos olhos de seus amigos. Mas bem lá no íntimo êle ficará feliz de ver que você o ama a ponto de enfrentar a raiva dêle, e que você tem o bom senso e a energia necessários para protegê-lo contra a sua própria doidice e sua falta de experiência.

As crianças estão constantemente sondando você para ver até que ponto conseguem ir, até onde você permitirá que elas cheguem. Íntimamente têm esperança de que você não as deixe ir longe demais. Esteja atento para êste mecanismo de sondagem na próxima vez que você estiver envolvido numa discussão violenta com o seu filho adolescente. E não ceda quando chegar a hora da verdade.

O pai que tenta conquistar a estima de seu filho, dando-lhe tudo o que êle pede e deixando-o fazer o que quiser, sai perdendo em tôdas as frentes. Êle não conquista a simpatia nem a afeição do filho. Será desprezado por sua falta de pulso e, no fim, será culpado quando ocorrer alguma dificuldade. “Por que me deixaram fazer aquilo?”, pergunta o filho. “Que espécie de pais são vocês, afinal?”

Estarei sugerindo que o medo é uma coisa boa? Estou, sim. O medo, em determinadas circunstâncias, é uma coisa salutar e desejável. Não estou aconselhando que os filhos tenham pavor dos pais. Deve existir

a expressão livre e franca de ambas as partes. Mas a forma da expressão deve conter a marca do respeito.

Há vários meses presenciei uma discussão acalorada entre uma amiga minha e seu filho de 11 anos por causa de um pedaço de bôlo que ela disse ao menino que êle não podia comer. Fiquei horrorizada ao ver a linguagem do menino tornar-se cada vez mais desafortada e ofensiva. A mãe procurava desesperadamente arrazoar com o filho, mas nada conseguia. Por fim, o menino gritou-lhe:

—Você vá para o inferno!

E, vendo que ela não reagia às suas palavras, agarrou o pedaço de bôlo e saiu correndo da sala. A mãe olhou para mim com uma resignação completa, e suspirou:

—Êle está atravessando uma fase difícil, e é preciso uma enorme maturidade de minha parte para não me mostrar irritada quando êle age assim. É um verdadeiro problema criar um filho hoje em dia, quando as crianças são tão espertas. Você não acha?

Não me lembro exatamente o que respondi, mas disse algo parecido com uma das primeiras falas de uma peça que tinha visto há pouco, e que dizia: “Desculpem-me. Acho que eu preciso vomitar.”

Os pais devem aceitar o fato de que haverá momentos em que seus filhos os detestarão. Mas a forma como a criança controla a sua raiva poderá decidir se ela, no futuro, irá para a universidade ou para a

cadeia. É preciso ensinar à criança que ela deve descarregar sua raiva de maneira que não prejudique os outros, não destrua propriedade nem fira o seu amor-próprio. Devemos estabelecer regras e fixar os limites —por escrito, se necessário fôr. Não poderei frisar demais a importância de se fixarem limites. A criança que sabe exatamente até que ponto pode chegar, sente-se aliviada de uma pesada carga.

Em nossa família, as regras eram simples: fique furioso como quiser —mas nada de pancadas nem de gritar palavrões tão alto que os vizinhos possam ouvir, e nada de quebrar coisas que você não esteja preparado para pagar.

Por último, lembre-se de que os pais têm direitos, e, tal como outros direitos, precisam ser exercidos sob pena de ficarem perdidos por atrofia. Se surgir a questão de dar a vantagem a seu filho ou de ficar com ela para você, minha opinião é que deve ficar com ela para você. E não se sinta culpado. Idade é documento. As crianças precisam praticar a arte de dar—e quem merece mais consideração do que nossos próprios pais?

Os pais que verdadeiramente amam seus filhos devem ensiná-los e orientá-los, não apenas satisfazendo todos os seus caprichos. Pois, em última análise, não é o que você faz por seus filhos, mas o que lhes ensinou a fazerem por si mesmos que os tornará bem sucedidos como sêres humanos.